170

director:
armando
vieira
pinto

S. C.
20
1

S. C.
20
1

movimento

revista de cinema

26

um escudo e cinquenta

COLOSSAL RADIO

Um aparelho pequeno que é um grande aparelho.

Sociedade Comercial Luso Americana, L.da

LISBOA—Rua da Prata, 145 PORTO—R. Sá da Bandeira, 393

SENHAS PARA DESCONTO EM CINEMAS

LISBOA

ODEON
QUALQUER MATINÉE ATÉ 15 DE SETEMBRO DE 1934
50 %
1 ENTRADA

CONDES
QUALQUER MATINÉE (Excepto aos Domingos) ATÉ 15 DE SETEMBRO DE 1934
25 %
1 ENTRADA

OVAR

CINE-OVAR
MATINÉE DE 19 OU 26 DE AGOSTO DE 1934
50 %
1 ENTRADA

CINE-OVAR
MATINÉE DE 26 DE AGOSTO OU 2 DE SETEMBRO DE 1934
50 %
1 ENTRADA

CONDEIXA

CINE-AVENIDA
SOIRÉE DE 19 OU 26 DE AGOSTO DE 1934
20 %
1 ENTRADA

Cruz Quebrada

CINE-PRAIA
QUALQUER ESPECTÁCULO ATÉ 15 DE SETEMBRO DE 1934
20 %
1 ENTRADA

COIMBRA

TIVOLI
MATINÉE DE 19 DE AGOSTO DE 1934
30 %
1 ENTRADA

TIVOLI
MATINÉE DE 26 DE AGOSTO DE 1934
30 %
1 ENTRADA

VIZEU

TEATRO VIRIATO
ESPECTÁCULO DE 23 DE AGOSTO DE 1934
20 %
1 ENTRADA

TEATRO VIRIATO
ESPECTÁCULO DE 30 DE AGOSTO DE 1934
20 %
1 ENTRADA

MORTÁGUA

TEATRO-CLUBE
QUALQUER ESPECTÁCULO ATÉ 15 DE SETEMBRO DE 1934
20 %
1 ENTRADA

Figueira da Foz

TEATRO PENINSULAR
SOIRÉE DE 23 OU 30 DE AGOSTO DE 1934
30 %
1 ENTRADA

COIMBRA

TEATRO-AVENIDA
MATINÉE DE 19 DE AGOSTO DE 1934
30 %
1 ENTRADA

TEATRO-AVENIDA
MATINÉE DE 26 DE AGOSTO DE 1934
30 %
1 ENTRADA

ALGÉS

CINEMA KURSSAL
ESPECTÁCULO DE 22 DE AGOSTO DE 1934
50 %
1 ENTRADA

CINEMA KURSSAL
ESPECTÁCULO DE 29 DE AGOSTO DE 1934
50 %
1 ENTRADA

BEJA

TEATRO PAX-JÚLIA
ESPECTÁCULO DE 23 OU 30 DE AGOSTO DE 1934
20 %
1 ENTRADA

S. JOÃO DA MADEIRA

CINE TEATRO AVENIDA
ESPECTÁCULO DE 19 OU 26 DE AGOSTO DE 1934
30 % em Balcão e 1.ª Plateia
1 ENTRADA

PORTO

SÃO JOÃO
MATINÉE DE 23 DE AGOSTO DE 1934
50 %
1 ENTRADA

VILA REAL

TEATRO-CIRCO
QUALQUER SESSÃO ATÉ 30 DE AGOSTO DE 1934
20 %
1 ENTRADA

TEATRO-CIRCO
QUALQUER SESSÃO ATÉ 15 DE SETEMBRO DE 1934
20 %
1 ENTRADA

FAMALICÃO

TEATRO OLIMPIA
QUALQUER SESSÃO ATÉ 15 DE SETEMBRO DE 1934
40 %
1 ENTRADA

PAMPILHOSA DO BOTÃO

EMP. CIN.CA PAMPILHOSENSE
ESPECTÁCULO DE 19 OU 26 DE AGOSTO DE 1934
10 % em 2.ª plateia
1 ENTRADA

MOVIMENTO
REVISTA DE CINEMA

NÚMERO 26 \\ 2.º ANO \\ 15 DE AGÔSTO DE 1934

DIRECTOR
ARMANDO VIEIRA PINTO

EDITOR-ADMINISTRADOR
ARMANDO BARROS

PROPRIEDADE DE
ARMANDO & ARMANDO

PÔRTO \\ RUA ELÍSIO DE MELO, 28 // SALA 4

QUERE V. EX.ª SORRIR ASSIM,
FELIZ DE POSSUIR UMA LINDA
PELE?

USE OS PRODUTOS DE BELEZA
RAINHA DA HÚNGRIA CUJA FAMA
É MUNDIAL

\\ M.ME CAMPOS, L.DA \\ Avenida da Liberdade, 35 // LISBOA //

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OLHEM PARA ISTO.
PARECE PINTADO A

MURALINE

TINTA A ÁGUA

MÁRIO COSTA & C.ª, L.DA-Rua do Almada, 30-1.º e 2.º-PÔRTO

TELEFONE, 2571

TOBIS OR NOT TOBIS...

O sr. Roberto Nobre, cronista cinematográfico do «Diabo», publicou num dos últimos números daquele semanário um extenso artigo àcêrca da orientação da Tobis, ao qual nos permitimos opôr alguns reparos. Intitulava-se «Tobis or not Tobis is the question», paródia do famoso «To be or not to be that is the question» do monólogo de Hamlet e que o mesmo senhor traduziu desta forma: «Ser ou não ser contra a Tobis — eis a questão».

Se bem que o assunto não nos pareça absolutamente digno desta reminiscência shakespeareana, saboreamos-lhe devidamente o chiste, e, com tôda a sinceridade, lamentamos que, achando-a engraçada, não possamos igualmente considerá-la justa. Dela se depreende a afirmação de que, à base de tôdas as discussões sôbre a Tobis e a sua infeliz orientação artística e financeira, existe apenas uma razão de simpatia ou antipatia e que é só esta que motiva tôdas as discordâncias e os ataques que àquela Companhia teem sido dirigidos.

É possível que a Tobis sofra o embate de um exército de inimigos — isto é, de pessoas que a atacam pelo prazer de atacar, que se regozijam com os seus fracassos, que se mordem de inveja com os seus triunfos (admitidos por enquanto como simples hipótese) e cuja maior ambição seja a de a verem totalmente aniquilada.

É possível ainda que, por outro lado e com o mesmo facciosismo, tenha a Tobis a defendê-la um grupo de amigos, para quem tudo o que sai de lá — dos estúdios e do cérebro dos seus administradores — seja a maior das maravilhas ou a última palavra da sabedoria humana.

Se o Chiado se encontra assim dividido em dois grupos — o dos amigos que sistemàticamente aplaudem e exaltam e o dos inimigos que sistemàticamente censuram e deprimem — ambos por paixão, e portanto sem independência e sem sinceridade, a afirmação está talvez certa.

Mas, — esqueceu o cronista êste pequeno pormenor — o Chiado, a-pesar-do seu brilhantismo, não é pròpriamente o País. Nem tôda a gente vai, às cinco horas encostar-se a uma das suas esquinas ou sentar-se à mesa de um dos seus cafés, dizer pilherias, demolir com ditos de espírito o esfôrço alheio, decidir entre duas fumaradas do valor do próximo, numa palavra «dizer mal» — única coisa, salvo êrro, que o Chiado sabe fazer bem. É costume dizer-se que Portugal é um país pequeno, mas será bom não exagerar, reduzindo-o àquele pequeno espaço que vai do Rocio ao Loreto, mesmo incluindo algumas ruas adjacentes. Para além dêsses limites existem, verdade seja, algumas pessoas que também pensam, também sabem o que querem, também teem opiniões — não sendo estas, de modo nenhum, determinadas pelas rivalidades, pelo mesmo espírito de emulação, pelo mesmo pendor para a maledicência sistemática que caracterizam a turbulência mental do Chiado.

Assim, para nós, que não temos poupado à Tobis as nossas censuras, a questão não está em ser ou não ser contra a Tobis. Para nós a questão está simplesmente em a Tobis ser ou não ser contra si própria — isto é, contra asua finalidade e até contra os seus interêsses. Afirmamos aqui repetidas vezes que a sua orientação artistica e financeira foi má. Cometeu em primeiro lugar o êrro de fazer um filme destinado apenas ao nosso público, o que lhe limitou consideràvelmente o rendimento. Mas, admitindo o critério da Tobis, que era o de fazer cinema nacional só para portugueses, não a condenamos por ter escolhido a «Canção de Lisboa», mas porque, tendo-a esco-

lhido, a não soube realizar, pelo menos, decentemente. Que a Tobis fizesse um filme popular, para evitar «fracassos que afastassem da indústria nascente todo o financiamento para futuras produções», acharíamos bem, embora um filme dêsse género não nos interessasse pessoalmente. Mas fazer um filme popular tão deficiente, tão mediocre, que nem mesmo os amadores de espectáculos populares gostaram dêle, isto é, um filme que nem ao menos essa finalidade económica atingiu, eis o que nos parece condenável e digno das nossas censuras. Bem sabemos que há fracassos imprevistos. Mas com êste já a Tobis podia contar, desde que foi confiar a realização do seu primeiro filme a uma pessoa que, fôsse qual fôsse o seu valor pessoal, era, indiscutìvelmente, nestas coisas de cinema, um inexperiente, não sendo, portanto, de admirar que a sua primeira produção tivesse resultado numa simples obra de amador, com todos os defeitos inerentes.

Atacamos, pois, a Tobis porque ela, no nosso entender, serviu mal o duplo fim artístico e comercial a que se destinava: fazer cinema nacional e ganhar dinheiro, porque ao pretender fazer cinema nacional fêz do pior que há e não logrou obter um êxito financeiro compensador.

Depois disso, por ocasião da publicação do seu Relatório e Contas, analizamos aqui a sua situação financeira, dissemos que esta era má, que a Companhia tinha sido organizada com capital insuficiente, com o que logo de entrada lhe comprometeram gravemente o futuro. Provamos isto com os próprios números extraídos do seu Balanço e fundamentamos o nosso parecer com razões que nos pareceram justas — e que o eram certamente porque não foram até hoje contestadas.

A isto se reduz o nosso ataque à Tobis — que não existiria se não existissem igualmente os factos a que nos referimos. Se a companhia se tivesse organizado em bases sólidas (ou apenas nas indispensáveis para poder viver), se ela tivesse escolhido embora, para o seu primeiro filme, um assunto popular e com êle fizesse uma produção, pelo menos, razoável, que agradasse à média do público e nos desse a todos nós, a esperança de que alguma coisa de regular se começava a fazer em Portugal, se ela confiasse a rialização dêsse filme a uma pessoa que já tivesse dado as suas provas, nós poderiamos discordar de um ou de outro ponto, mas não a atacaríamos — porque teríamos até o maior e o mais sincero prazer em a aplaudir. Nós só a não aplaudimos porque, infelizmente para todos, não temos tido motivos para o fazer.

E tanto assim é que neste momento a nossa posição perante a Tobis se encontra em parte modificada. Continuamos a considerar má a sua situação financeira, quere dizer, os nossos pontos de vista neste aspecto ficam inteiramente de pé. Mas verificamos algumas alterações na sua orientação artística, que merecem tôda a nossa simpatia e nos dão esperança de que a Tobis esteja a querer enveredar pelo bom caminho. Em primeiro lugar porque a Tobis, como aqui lhe aconselhamos há muito tempo, chamou para rializar o seu segundo filme Leitão de Barros, o realizador de «Maria do Mar» e da «Severa» em cuja competência e bom gôsto muito confiamos. E em segundo lugar porque o assunto dêste novo filme, conquanto não o consideremos excelente, nos parece bem escolhido para agradar à maioria, tanto mais que estamos certos de que Leitão de Barros o saberá dosear convenientemente, apresentando uma produção que, desta vez, não há-de envergonhar a Tobis.

Já vê o sr. Roberto Nobre que nós não pertencemos à categoria dos que são contra ou a favor da Tobis, mas sim dos que são contra ou a favor daquilo que a Tobis faz, consoante seja mal ou bem feito.

Teremos o maior prazer em elogiar a Tobis, creia! Simplesmente, para isso, é necessário e suficiente — que ela o mereça.

Vasco Rodrigues

Senhores produtores de filmes portugueses: porque não aproveitaram, ainda, esta linda rapariga?

Reparem nela com atenção. Vejam os seus grandes olhos, como dois lagos verdes, vejam sua graça, sua gentileza, sua elegância quebradiça e fina.

Reparem na impertinência do seu nariz arrebitado, na doçura do seu lindo sorriso, e num certo ar de angústia vaga que paira no seu rosto.

Tudo isto ficava muito bem num filme, tenham a certeza. Pensem à frente, pensem atrás, pensem à direita, pensem à esquerda, como fazem os nossos amigos chineses nas emergências graves da vida.

Aqui teem a *ingénua* que lhes falta: fina e gentil, graciosa, alegre e doce, com um bocadinho de amargura, um bocadinho de *sex-appeal* e um bocadinho de preversidade.

Senhores produtores de filmes portugueses: aqui fica a idea.

E você, Maria Lalande, modifique a impressão que tem a nosso respeito:

As nossas gargalhadas são um pouco extemporâneas, mas somos bons rapazes e sabemos ver o valor de quem o tem...

O ÚLTIMO FILME DE RODOLFO VALENTINO

Há tempos já, uma leitora assídua do nosso «Movimento» lamentou em carta escrita ao Amok o ter eu citado num artigo o nome de Rodolfo Valentino.

Parece que a referência em questão suscitou reparos à nossa gentil leitora, por julgar talvez de mau gôsto falar de êsse desaparecido astro da tela muda.

O nosso director veio à chamada defendendo a memória de Rodolfo e citando com argumentos convincentes a sinceridade de muitos milhares de adeptos do famigerado Rudy.

Eu não sei se os leitores se lembram de êste episódio, mas caso tenham interêsse podem folhear os n.os 2 e 4, onde ficou registado o acontecimento aliás vulgar e nada de espantoso.

De espantar será, porém, o só agora eu ter vindo a terreiro para tecer à volta de êste caso na aparência banal mas no fundo bem sintomático, algumas considerações.

Todavia preguntar-se-á: banal, porquê? Sintomático, porque razão?

Ora ouçam que vale a pena.

A banalidade surge neste assunto ligada ao próprio actor, pois êste como simples pessoa mortal nada nos deve interessar, a não ser que façamos da sua vida íntima o estalão para o estudo das personagens que interpreta, — critério êste, porém, pouco propício a dar-nos a realidade histriónica do seu trabalho cinematográfico.

Sintomático, porque na ideia que nos pode sugerir um ser humano para além da morte, a lembrança de êsse mesmo ser, reavivada na memória dos vivos, marca no *meio* o nível da sua actuação. Sintomático ainda, porque hoje mercê do salto enorme do progresso (pois já ouviram falar no sexo 33?) tem-se mais dificuldade em julgar no tempo. Pois nunca se poderá julgar um homem do século XV à luz do século XX. Eis o caso de Rodolfo — hoje esquecido e mal julgado pela nossa gentil leitora.

No entanto, Rodolfo Valentino, cuja vida foi tão curta como uma sessão de cinema, que teve a admiração apaixonada das mulheres de todo o mundo e cuja morte ainda, qual a melhor das suas criações, fôra um cartaz berrante de película, tornou (aqui há anos) de novo a preocupar a atenção, despertando interêsse.

Os leitores sabem que depois do seu desaparecimento na tela do *écran* de esta vida, surgiram livros e páginas evocadoras. Escreveu-se muito a respeito de Rodolfo. Porém, a página mais viva, aquela que na sua simplicidade nos deixa fortemente impressionados, verdadeiro «de profundis» — chamemos-lhe assim — deve-se àquela que foi sua espôsa e artista como êle — Natacha Rambowa. Depois houve o silêncio. Todavia, há uns sete anos o nome de Rudy — como Natacha lhe chamava — tornou a surgir. As causas do crime de que se dizia ter sido vítima o grande «az» correram de bôca em bôca nos meios cinematográficos da Itália e da América. E o cenário apareceu como uma reconstituição: um *cabaret* elegante do Braadway.

Numa das mesas uma rapariga, beleza americana de revista ilustrada, conversa com certos indivíduos que alia à sua alta finança, a celebridade rendosa de empresário arrojado; é um rei de Hollywood ou los Angeles. Ela, a companheira de mesa, adoradora vehemente de Rodolfo — conhecida como tal e despresada por êle — não oculta, nos movimentos nervosos o ciume que a estada de Valentino lhe causa, tão próximo dela está, conversando e rindo com uma rival. O empresário rotundo, brasa de charuto a arder no canto da bôca, pensa nas propostas que fizera para que o actor viesse com a sua arte mágica. Se algum novo Fausto, *posar* diante das objectivas das suas máquinas, viver as criações de argumentos reservados e pagos a peso de ouro. Mas a glória, tôda a fortuna oferecida pelo magnate, Rodolfo despresava também. E ambos com a mesma ideia a martelar-lhe o pensamento, o mesmo rancor a subir-lhe aos nervos, calados, como adivinhando-se um ao outro, levantam-se e saem.

E' nesta altura que aparece o *observador* que ruge em tôda a parte, a seguir-lhes os passos até na rua. O *observador* conseguiu ouvir: «O processo índio é infalível, diamante moído no vinho e pronto».

Foram êstes rumores que correram e alarmaram há uns sete anos os grandes centros cinematográficos, rumores êsses assegurados pela narrativa do *observador* que mais não era que uma mulher velando sempre pela sorte de Rodolfo, presenciando tudo, protectora ignorada pelo heroi.

De forma que, gentil leitora do «Movimento» à roda de Rodolfo envolto já no domínio da lenda, criou-se para além da vida mais um filme, um filme em que a morte o envolveu como se fôsse uma das muitas mulheres ávida também dos abraços dêle.

Alexandre de Médicis

UMA CONVERSA COM JÚLIO DINIZ

A MANEIRA DOS 4 IRMÃOS MARX

Desde que Leitão de Barros começou a dar à manivela para o seu novo filme «As Pupilas do Senhor Reitor», nós sentimos cá dentro, agarrado à fibra das tentações, o forte desejo de entrevistar o bom Júlio Diniz que, emfim, lá por estar morto e enterrado, não deixa de entrar na dança como pessoa responsável e de primeiro plano.

Ora a dificuldade residia precisamente no facto de o autor das «Pupilas» estar com os anjinhos e, portanto inacessível.

Como diabo resolver então um caso assim bicudo?

Sem esperanças fomos ainda tentar quebrar o silêncio de bronze do «velho» Júlio Diniz que, há meia dúzia de anos, desafia o frio, a chuva, o catarro e a pneumoniazinha dupla, ali, de peito ao léu, em frente à Faculdade de Medicina.

Com boas maneiras falamos-lhes cá de baixo, dando às nossas palavras o tom submisso e respeitoso que se deve aos homens ilustres e passados à posteridade. Chamamos por êle repetidas vezes, imploramos uma palavrinha, uma só ao menos, mas o nosso homem, imperturbável e sereno no seu poleiro de pedra, não tugiu nem mugiu.

As coisas começavam a correr-nos mal. Que fazer, agora? Desistir dos nossos intentos? Isso não podia ser. Pensamos em consultar uma bruxa. O Médicis opôs-se. As bruxas estão muito por baixo, e êle não admite brincadeiras com coisas sérias. Pensamos, inùtilmente, durante dias...

De súbito, uma ideia luminosa apareceu-nos como tábua de salvação. E se nós fôssemos à Agência Cook? Pois se a Agência Cook fornece bilhetes para tôdas as partes do mundo, porque não havia de fornecê-los para o outro mundo?

Fomos. Atendeu-nos um empregado excepcionalmente amável e que nos sossegou imediatamente. Sim, senhor, forneciam bilhetes. A dificuldade estava em que não havia bilhetes de ida e volta, como nós queríamos. Declaramos-lhe que não fazíamos questão de preço e que se tratava de um caso grave.

Em face da nossa insistência êle prometeu-nos envidar todos os esforços para nos satisfazer, mas foi-nos declarando que teria de consultar telefònicamente o «Bureau des Affaires Terrestres» do país onde nos pretendíamos dirigir porque sabia ser precisamente dali que viriam as maiores dificuldades.

Depois de uma longa conversa telefónica, declarou-nos:

— Bom. Podem conseguir-se os bilhetes, mas os senhores vão comprometer-se a nada revelarem da constituïção política e social do país onde vão excursionar.

Prometemos solenemente e saímos, munidos dos ambicionados bilhetes.

A questão do meio de transporte foi também um problema intrincadíssimo.

Pensamos, primeiro em pedir à D. Amélia Rey Colaço se nos emprestava a padiola em que passeia, tôdas a noites, às costas de dois pretos. Essa hipótese, porém, foi logo posta de lado. Se a D. Amélia tem aquele trabalho todo para caber na padiola, como diabo íamos nós caber lá todos?

Estivemos novamente em riscos de desistir. Pedimos informações a polícias, procuramos no *Larousse,* interrogámos a mesa de três pés, deitámos as cartas, e nada!

Por fim, o Fernando Barros, que anda sempre na lua, alvitrou: e se fôssemos de nuvem?

A proposta foi aceite por aclamação. Arranjámos uma nuvem em segunda mão, instalamos-lhe travões às quatro rodas, aquecimento central, autoclismo e todo o confôrto moderno, e, numa bela manhã, lá partimos.

Arribamos ao outro mundo depois de uma rápida e agradabilíssima viagem, em que entretivemos os ócios lendo o prospeto de propaganda do Reino dos Céus que nos tinham dado na Agência Cook e que fazia menção dos monumentos, hoteis, horários de combóios, pontos de vista, zonas de jôgo e turismo, etc.

A hora matinal a que chegamos, as portas ainda estavam fechadas e o caixote do lixo por despejar.

Resolutos, batemos: Truz! Truz! Truz!

Ouviu-se um arrastar de cadeiras e lá de dentro, S. Pedro rosnou, numa voz de baixo profundo que lhe criaram os nevoeiros e as noites mal dormidas:

— *Quod est bestium quid encomodit me ad talis matinalis horibus?*

Como falou em latim fingimos não perceber a amabilidade, e, dirigindo-nos ao velho Santo que nos apareceu ao postigo, ainda em pijama e de chinelos de liga, explicamos ao que vínhamos.

«Hum!... rosnou S. Pedro torcendo o nariz. Aqui não se entra assim, meus caros senhores. Só

com bilhete de convite ou recomendação especial. Passem muito bem. De resto isto não são horas para visitar ninguém!».

Ao vê-lo disposto a fechar-nos a porta, o Armando, com aquele génio impulsivo que lhe ficou de pequenino, deu um pulo, meio disposto a ir às sagradas ventas do Sujeito. Mas o Vasco Rodrigues, conciliador, meteu-se entre ambos e parlamentou com a diplomacia que o caso requeria. Muito instado, o Porteiro cedeu passo e já mais brandamente mandou-nos entrar para a sala de espera: «Bom, já que os senhores são jornalistas, vou falar ao Patrão. Talvez êle consinta...

Momentos volvidos voltava S. Pedro acompanhado dum querubim:

— «Podem passar, disse-nos. Êste groom acompanhá-los-á. O sr. Júlio Diniz anda por aí perto. Têm livre trânsito mas escusado será recomendar-lhes que não é permitido cortar flores, pisar os canteiros ou dizer galanteios às meninas. E não se esqueçam que são novecentas indulgências de multa!

Iamos a sair em seguimento do querubim que partira à frente para nos indicar o caminho, quando S. Pedro, chegando à porta nos chamou novamente.

— Esquecia-me prevenir-los de que não podem fazer fotografias aqui. O Chico Viana, encrespado e tímido ao mesmo tempo, interrogou:

— Que me dizes?

— Isto, menino. Se fazes fotografias mandamos-te apreender o aparelho. A concessão das fotografias, no território do nosso país está dada, a um tal sr. Alvão, seu colega lá de baixo. Tenho pena mas é assim mesmo...

Guiados pelo querubim lá fomos através do Paraíso. A-pesar-da hora matutina o movimento já era grande e não foi sem dificuldade que encontrámos por fim Júlio Diniz, em camisão de dormir, todo afogueado, jogando ao dá-me lume com Nuno Álvares Pereira e uma das onze mil virgens que agregara ao rancho.

Dirigimo-nos ao escritor e dissemos-lhe ao que vínhamos. Muito amável, Júlio Diniz apresentou-nos aos seus companheiros da celestial pândega e todos em roda, muito à vontade, estendidos na relva, fomos conversando abrigados pela fresca sombra das árvores em cujos ramos os anjinhos saltitavam ou cantavam em côro todos satisfeitos da sua vida...

Júlio Diniz, risonho e bem disposto, não precisou do interrogatório a que tínhamos pensado submetê-lo. Começou por lamentar ter sido obrigado a «bater a bota» antes de lhe ter sido dado o prazer de conhecer o cinema. Mas mostrou-se interessado pela arte das imagens. Disse-nos mesmo que era amigo pessoal de Max Linder e de Rudolfo Valentino e que tinha sincera pena de não poder conviver com Lia de Putti que conhecera durante a sua estadia no Purgatório...

O Condestável mandou servir um aperitivo. O Alves Costa ofereceu cigarros ingleses. A virgem prodigalizou sorrisos. E os anjinhos fugiram...

— Mas diga-nos, sr. Júlio Diniz, que lhe parece essa resolução da Tobis em filmar o seu romance?

— Parece-me bem. De resto já não é esta a primeira vez que uma das minhas obras tenta os realizadores portugueses. Olhem que de sucesso comparável ao que alcançou «Os Fidalgos da Casa Mourisca», com o velho Pato Moniz que também já para cá veio morar, poucas fitas se podem gabar. Aqui entre nós e modéstia à parte, eu sou o que lá na Terra se chama um «grande cartaz». E a Tobis vai servir-se do meu nome e da minha popularidade para encher a barriguinha. Isto sem desprimor para o sr. Leitão de Barros. O António Duarte, que encontrei há dias, contou-me que o Leitão é tipo sabedor e que nada devo recear. Deve fazer obra asseada... dentro das possibilidades. Só uma coisa me desgosta. Disseram-me que não sei quem, queria que a acção do filme se passasse em Ovar. Ora os cavalheiros estão doidos, positivamente. Ou não leram o meu romance com atenção. Eu dei bem a entender que a história da Clara e da Margarida dos Maiadas se passava numa pequenina aldeia minhota. De resto,

no fim do XXIV capítulo (para não citar mais) eu falo lá no Minho escarrapachadamente e com tôdas as letras. Acho muito bem e até muito recomendável que não sigam à risca o meu romance e que lhe tirem o ar lamecha que tem e que já não é do vosso tempo. Mas lá que a acção se passe em Ovar, não. Com isso não concordo. E se não respeitam as vontades dum morto, tomo a coisa a mal.

Há outra coisa que não me parece muito bem, mas êles lá sabem. Para fazer o papel de Joana, a criada do velho médico da aldeia, foi escolhida Maria Matos. Para desempenhar o papel da mulher do boticário da Esquina foi escolhida a Adelina Abranches. Tanto uma como a outra são grandes artistas bem capazes dum trabalho à altura do nome que criaram com muitos anos de gloriosa vida de teatro. Mas tenho a impressão — e talvez me engane — que estão trocadas. Eu cá, punha a Adelina noutro papel... mas há falta de melhor acho que estaria mais bem talhada para interpretar o papel de Joana; por sua vez parece-me que a Maria Matos ficava a matar no papel da mulher do João da Esquina».

Como se aproximava a hora do almôço, demos por finda a nossa palestra.

Íamos a despedir-nos, quando D. Nuno, que há muito dava mostras de impaciência, se dirigiu ao Vasco Rodrigues, nos seguintes termos:

— O meu amigo faz-me um favor?

O Vasco engasgou-se e disse apenas, simplesmente, esquecendo a quem falava:

— Ora essa! O sr. Pereira manda...

— Muito bem. Então diga a um tal sr. Dantas que lá essa coisa de pôr na *Pátria Portuguesa* que eu, na noite do casamento, deixei a noiva para ir às guerras lhe há-de saír caro. Insultos não! Isso a ninguém!

Tremia de indignação o simpático velhinho e foi preciso que o bom Júlio Diniz viesse apasiguá-lo:

— Deixa lá, Nuno! Intrigas dos democráticos!

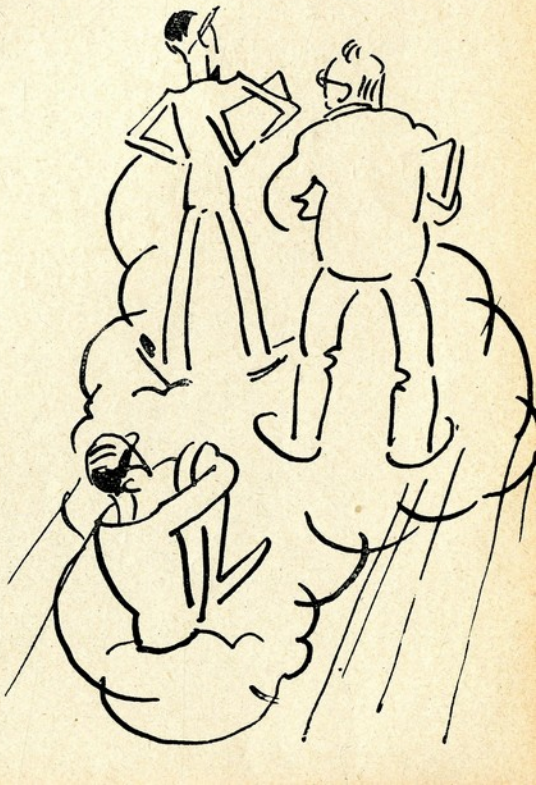
E depois, ao nosso ouvido:

— Vocês desculpem não os convidar para almoçar comigo. mas aqui come-se muito mal. Peixe não há... ou o que cá chega já vem pôdre; a carne é proïbida porque é um dos inimigos do homem... E como esta gente tem a mania dos jejuns e vocês não estão habituados...

Abraçamo-nos. S. Pedro despediu-se de nós, todo em sorrisos, desejando-nos feliz viagem. E já quando embarcavamos numa nuvem, novinha em folha, que fôra posta à nossa inteira disposição pelo Govêrno Celeste, apareceu-nos a Raínha Santa Izabel com um lindo ramo de flores, oferta e homenagem das senhoras da melhor sociedade do Paraíso.

Partimos com as lágrimas nos olhos, prometendo voltar. E ao pôr do sol dêsse mesmo dia chegavamos à Terra e escreviamos o que se lêu.

Alves Costa
e
Vieira Pinto



PRO TESTO

CONTRA OS CORTES NOS FILMES

Ao contrário do que se sucede com muita gente, para quem a oposição e o protesto são grandes prazeres, prefiro concordar e aplaudir, tendo, não poucas vezes, travado primeiros ímpetos de revolta, aceitando (embora a custo) certas maneiras de pensar ou de proceder, e esforçando-me até por encontrar as razões que possam justificar atitudes alheias, opostas às que, nas mesmas condições, seriam as minhas.

Êste feitio *passa-culpas* e êste espírito de tolerância não significam, da minha parte, falta de firmeza nas convicções, mas a inteligência clara da variedade e da imperfeição humanas, que levam necessàriamente à diversidade e à imperfeição dos critérios, dos gôstos e das opiniões.

Assim — repito — sou pouco dado ao dogmatismo em qualquer campo, e não me custa aceitar que para outro seja excelente o que julgo apenas sofrível ou nitidamente péssimo.

Êste modo de pensar, e esta norma de conduta que para mim adoptei, não obrigam, contudo, ao exclusivismo de aceitar ou admitir quantas divergências surjam entre as minhas opiniões e as alheias; porque, se de um modo geral, defendo e pratico a tolerância, momentos há em que ela se me apresenta como impossível e criminosa. Seria o caso de deixar sem protesto factos recentemente passados na exploração cinematográfica em Portugal e que, dado o silêncio e a impunidade com que até hoje foram acobertados, ameaçam tornar-se em exemplos de que se abusará no futuro, quando é dever de todos nós exigir que se limitem a ser pretéritas e lamentáveis *excepções*, praticadas por alguém menos criterioso... e menos escrupuloso.

Mas... vamos a factos, pois de prólogos e divagações já temos que baste.

~

Indivíduos a sôldo de emprezas distribuïdoras ou exibidoras (não me interessa *por enquanto* sabê-lo) teem-se permitido, pelas mais disparatadas razões e com uma freqüência que confrange e revolta, cortar, truncar e alterar filmes, com um desprêso absoluto pela obra alheia e pelo público que lhes enche os cofres e que tem o direito de protestar, sentindo-se ludibriado.

Pois bem ludibriado tem sido...

Nos cinemas de reexibições da capital apresentaram-lhe êsse filme admirável que é *Eu sou um evadido*, desfalcado de uma dezena de metros — o suficiente para lhe alterar completamente o sentido, tornando-o, de obra forte, séria e socialmente valiosa, em *romanceco* de amor que termina num beijo.

Ludibriado foi também êsse ingénuo e paciente público quando, há menos de um mês, lhe ofereceram num cinema do Pôrto, dois filmes de fundo na mesma sessão, sem aumento de preço.

— «Ótimo! exclamou. — Voltamos aos bons tempos antigos: duas *fitas* no mesmo programa!»

Simplesmente... ignorava êsse povinho que alguém reduzira em várias centenas de metros os *pitéus* que lhe serviram: *O Homem do Automóvel*, de Jean Epstein, e *O Reizinho*, de Julien Duvivier.

O povinho saiu muito triste porque havia nessas *fitas* pontos obscuros que a sua inteligência não compreendia. E logo ali decidiu que o Epstein e o Duvivier eram dois senhores muito complicados, exquisitos, sem geito nenhum para *aquilo*.

Alguns, mais versados, mais embrenhados nestas coisas, recordaram o Epstein de *Pescadores de Sargaços*, e de *A Queda da Casa Usher*, lamentando a sua decadência; mas, ingénuos e de boa fé, só a essa decadência atribuïram a culpa que ao autor dos cortes cabia em maior parte.

Duvivier foi, também, acusado de *infeliz*, pois em *O Reizinho* eram evidentes certas faltas de seqüência, certas quebras de ritmo, indesculpáveis num realizador que tem sido justamente considerado entre os melhores. E não faltou, por certo, algum mais ousado que, por estas razões suspeitasse, duvidando, do valor de quem já fêz *Poil de Carotte* e *O preço de uma vida*...

~

Êstes exemplos, escolhidos de muitos que poderia apontar, bem mostram a gravidade que tão condenável prática representa para o bom nome do cinema e dos que para êle honestamente frabalham. E se tomei e revelo êstes três casos apenas é porque são os que melhor servem para frisar a audácia daqueles que usam a tesoura, a ganância e o mau gôsto para satisfazer imediata e momentâneamente o seu espírito mercantilista, que julgam incompatível com o sentido artístico e com a honestidade.

Mas talvez não seja mau lembrar a êsses senhores, que a sua incompetência é flagrante e que os seus actos são condenados, consciente ou inconscientemente, pelo público; e ainda que na legislação portuguesa existem disposições que defendem a propriedade artística e bastam para fazer passar maus bocados a quem tão levianamente procede.

Alexandre Serpa.

Sr. Juliano Ribeiro

Meu caro senhor:

Conheço-o apenas de vista, e confesso-lhe que não se me torna antipático nenhum dos banalíssimos detalhes da sua pessoa banal: nem os seus óculos de aro dourado, nem o seu cabelo de um louro triste, nem o seu ar entre ocupado e indolente, nada. O senhor não é suficientemente belo para que eu lhe tenha inveja, nem suficientemente grande para que me ensombre.

Intelectualmente, dizem-me que não é tolo de todo e que tem lido certas coisas.

Não ponho em dúvida as suas faculdades de trabalho. O senhor tem mesmo todo o tipo de bom empregado de escritório: aplicado, fiel, laborioso e metódico, pontual às horas de entrada, arrumadinho e limpo, de boa caligrafia e boas contas.

Mas o senhor trocou a sua vocação: quiz ser crítico e reporter e não conseguiu ser uma coisa nem a outra.

Não insista, digo-lho eu que nem sou seu amigo nem seu inimigo e sou, portanto, perfeitamente insuspeito.

Ora repare. Como reporter chama o senhor a um simples incendio, «*Chaga aberta no peito da cidade*»; passa uma coluna a elogiar a sua própria reportagem, o que é deselegante; narra, com grande cópia de interjeições, as suas atribuladas aventuras nos telhados, o que é ridículo; ouve gritos que não existem, o que pode ser indício de grave doença do cérebro ou dos nervos; ignora factos que todos os seus colegas relatam, o que representa, suponho eu, um cumprimento incompleto do dever de todo o reporter que se presa; e, finalmente, escreve a sua prosa trágico-lírica numa alambicada linguagem de «Secretário dos Amantes» o que pode ser muito bom para escrever cartas amorosas a criadas de servir, mas é péssimo para escrever reportagens «à frisson», como o senhor pretende.

Se não arripia caminho, mal lhe vai a coisa, meu caro senhor.

~

Como crítico, então, a coisa é mais triste e é mais grave ainda.

Tenho na minha frente duas críticas suas a filmes.

A primeira foi publicada a 21 de Novembro do ano passado e refere-se à «Canção de Lisboa»; a segunda foi publicada no dia 10 do corrente mez e refere-se a «Gado Bravo».

Não pode chamar-me desleal. Comparo uma com a outra as suas críticas (?) a dois filmes portugueses, igualmente merecedores, portanto, do seu interesse, do seu carinho e da sua justiça.

Ora vamos ver o que o senhor fêz. Para sua vergonha e seu arrependimento, sr. Juliano Ribeiro, aqui se transcrevem dois períodos da primeira crítica de que lhe falei:

«*Se quizessemos filiar num «género» êste filme — o nosso filme — em obediência ao nosso ruim sistema de tudo etiquetar, teriamos de o classificar entre o que de melhor nos deu René Clair.* E, mais adiante, outro em que o senhor se refere à bulha entre o Quincas — um quintanista de medicina, demasiado rufião para médico e demasiado «fino» para rufião — e do Vasco, atreve-se o senhor a escrever:

«*O realisador, aqui, venceu o artista de «Tumultes». Lembram-se? Lembram-se da máscara de Charles Boyer? E desse fogo de artifício que esconde um crime? Em «Canção de Lisboa» a técnica é superior, a visão mais humana.*

Pois o senhor atreve-se, sr. Juliano Ribeiro, a falar em René Clair a propósito da «Canção de Lisboa»? Pois o senhor ignora, sr. Juliano Ribeiro, que o filme da Tobis é o pior filme portuguez que se produziu, depois do advento do sonoro e que os filmes de René Clair — «14 Juillet», «Sous les toits de Paris» «Vive la Liberté», «Le Million» — são do melhor que existe em todo o mundo?

Pois o senhor atreve-se, sr. Juliano Ribeiro, a falar em Charles Boyer a propósito do Vasco Santana? Pois o senhor não tem vergonha de comparar os quatro murros a fingir de dois pobres diabos que se arranham por causa do mangerico de uma costureirinha cabeça-no-ar, com o drama que representa um homem que mata outro para guardar a amante, sabendo que ela o engana, o ridicularisa, o perde, mas amando-a assim mesmo com todas as fôrças do seu corpo e da sua alma, para além da liberdade, da vergonha, da dignidade e da morte?

Ora bolas, sr. Juliano Ribeiro!

~

Muito podia dizer-lhe ainda sôbre esta célebre crítica em que o senhor por cada cem palavras escreveu duzentas asneiras. Mas não quero.

De resto, mais adiante o senhor justifica-se a si próprio, afirmando:

«*Imperfeições? Sim, deve tê-las. Confessamos lialmente que não demos por elas. Também — outra confissão! — a nossa técnica não vai longe!* E aqui está como o senhor se desculpa, com duas confissões ingénuas, de todas as tolices que dissera acima.

~

Vamos agora, num instantinho que se faz tarde, à sua crítica de «GADO BRAVO». Mas não esqueçamos que o senhor afirma que não *vai longe a sua técnica* e afirma, ainda, *não ser capaz de notar as imperfeições de um filme.*

Vamos, desde já transcrever bocadinhos — autênticos bocadinhos de oiro — da sua prosa inspirada.

«*Com explendida fotografia, excelente técnica*»...

«*Diálogos fracos*»

«*De Nita Brandão, que tem uma voz linda, bem portuguesa e bem audível...*»

«*Sonorisação aceitável*»

Ora bem. Quere agora saber a verdade sôbre êstes quatro períodos? Então aí vai.

A verdade sôbre a técnica é que o senhor, fazendo minhas as suas próprias palavras — não vai longe nesse campo. A verdade sôbre os diálogos, é que êles são óptimos dentro da boa regra cinematográfica: concisos, curtos, claros, necessários e suficientes. A verdade sôbre Nita Brandão, é que o seu único defeito grande, o maior de todos, pelo menos, é exactamente a voz. Mesmo eu sempre gostava que o senhor me dissesse a que é que chama *uma voz bem portuguesa...* E, finalmente, a verdade sôbre a tal sonorisação que o senhor acha aceitável, é que nem é *sonorisação*, nem é *aceitável*. Antes pelo contrário: é o ponto fraco do filme.

E agora, para acabar, a verdade sôbre si, sr. Juliano Ribeiro, é que, se o senhor se não deixa de fazer críticas a filmes, vai ser uma pandega rasgada entre nós dois, na próxima época.

Armando Vieira Pinto

CINEMA, ARTE DOS NOVOS

Êste artigo é teu, rapariguinha frágil que há dias encontrei sem que tu me encontrasses, tua pasta de livros debaixo do braço, teus olhos cheios de sol, tua boina à banda, teu sorriso aberto e teu passinho miúdo, rejuvenescendo e alegrando uma rua triste.

Escrevi-o pensando na geração a que eu pertenço e naquela a que pertences tu, tam próximas no tempo, tam diferentes na essência.

Há, do meu nascimento ao teu, a diferença insignificante dos quinze anos despreocupados que são a tua vida tôda.

E há, da tua forma de sentir e exprimir o sentimento, àquela que deveria ser a minha se eu me deixasse prender pelo que me ensinaram, uma diferença de séculos.

Estou a conversar contigo serenamente, sem fazer literatura nem pensar em compor frases bonitas. Isto que tu lês é como se fôsse uma conversa que tivessemos, ambos deitados na areia fina da praia. Por isso começo por te dizer que eu, pela parte que me toca, fui educado como tu, com liberdade de pensar e sentir, direito a ter os meus desejos, os meus prazeres, as minhas opiniões. Mas eu era uma excepção, rapariguinha frágil.

E sei da tristeza de muitas mocidades, sei de famílias onde se almoçava e jantava em silêncio, de filhos que não falavam sem que o pai lhes dirigisse a palavra, de raparigas que não chegavam à janela sem que a mamã viesse, primeiro, cuidadosa e disfarçada, espreitar por entre as cortinas se não andaria «moiro na costa».

Tu tens liberdade. Cantas se te apetece cantar, saltas e ris como um pássaro na primavera, és uma rapariga de quinze anos, com quinze anos mesmo. E nunca reparaste — não reparaste, com certeza! — no que o cinema contribuiu, muito mais que o desdobrar dos tempos, para te dar essa liberdade.

Ora pensa comigo. Pois não veio o cinema abrir aos teus olhos novos horizontes? Pois não te mostra a ti, e não vai, lentamente mas seguramente infiltrando no espírito de todos uma teoria de sinceridade, liberdade, desafôgo?

Vai. Lembra-te das comédias americanas, essas comédias passadas nas Universidades do outro lado do mar. Não te ensinam elas que podes ser camarada fiel dos teus amigos, aberta com êles como contigo própria? Não te dão elas uma lição de optimismo, alegria, saúde? Claro que dão.

E pensa se não foi ainda o cinema que te fêz compreender tantas coisas que, ainda há poucos anos se mantinham escondidas aos olhos das raparigas da tua idade como dogmas sagrados. O cinema disse-te que eras senhora do teu coração, que podias dá-lo a quem quisesses. Amanhã, quando o amor vier ter contigo a iluminar-te ou destroçar-te a vida, tu sabes que é o amor e não podes pensar que seja qualquer feitiçaria.

Então amarás abertamente, alegremente, orgulhosamente. Viverás a tua vida sem vergonhas nem segrêdos, com coragem e sinceridade, usando de um direito que é teu e ninguém pode negar-te.

Em ti não haverá hipocrisias nem disfarces. Tu sabes, porque os filmes todos os dias te deram os meios de o saberes, que a vida é feita de alegria e tristeza, ilusão e desilusão, prazer e amargura. Mas sabes também que na dor como no prazer, desesperada ou contente, quanto maior seja a alegria que te exalta ou a angústia que te esmaga, tanto mais intensamente viverás a vida. E a vida, com todos os seus males e as suas tristezas, feita como é de pequeninas, ou grandes miserias, é a vida!

~

Rapariguinha frágil, de olhos cheios de sol, boina posta à banda, passinho miudo e claro sorriso. Habitua-te a ver no cinema a tua arte, a arte dos que tem quinze anos como tu.

Tudo o que tu queiras, tudo o que deseje, no momento, a insatisfação da tua alma, ali o tens: a vida, tal qual é, cómica e trágica, cheia de ridiculo e amargura ao mesmo tempo, seqüência baralhada de coisas nobres ou reles, misérias e explendores; o amor, são como um fruto virgem ou repelente como um fruto podre; a alegria, a dor, a tristeza, a glória, o desalento, a ilusão, tudo ali passa ante os teus olhos, tudo ali está!

Tua alma precisa de sonho? Ali o tens: a pastorinha que desposa um rei, o pedinte a quem sai a sorte grande, o condenado à morte que está inocente, no último minuto.

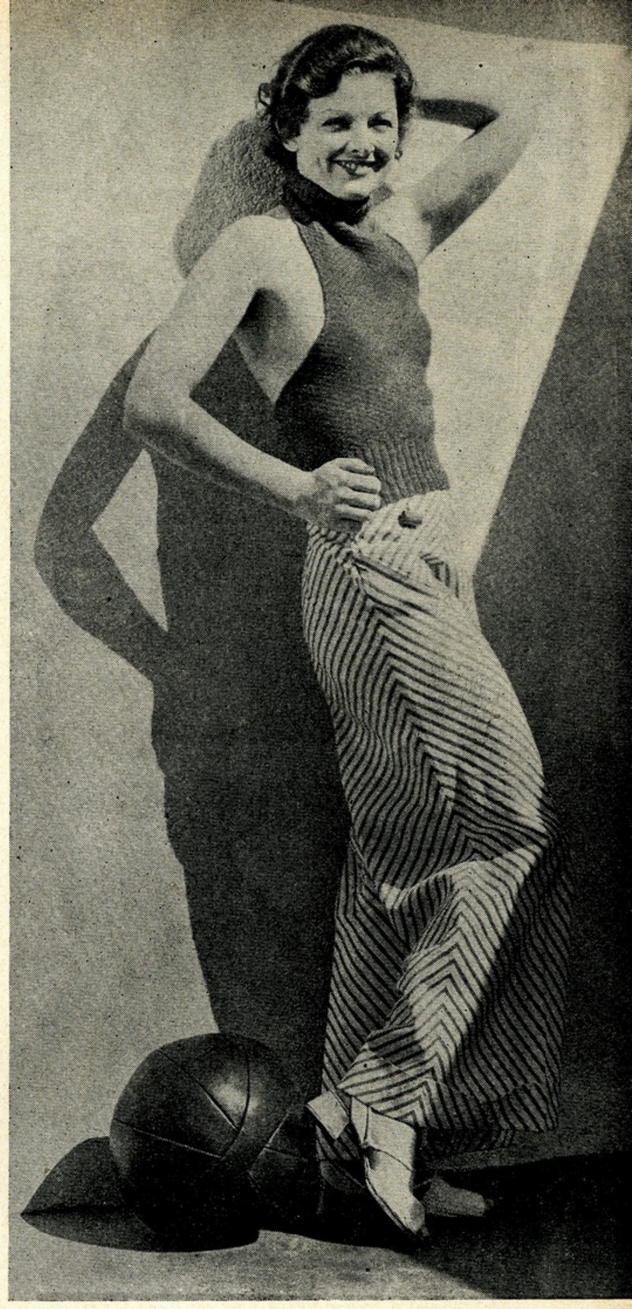
Sentes, dentro de ti, a ância da evasão? Ali a tens: teus olhos pairam sôbre os pântanos da India, as florestas virgens da África, as neves imaculadas dos Alpes, as grandes capitais atropeladas e barulhentas, o mundo infinito e vário...

Sofres? Diante de teus olhos passam seres muito mais infelizes que tu, para quem a vida é muito mais madrasta que para ti.

Amas? Olha êsses namorados de lenda, harmoniosos e jovens, belos como deuses e felizes como aves, e olha o cenário incomparável em que caminham, isolados no seu amor, sem verem o mar cristalino, ou as 'planície florida, ou a 'montanha' escarpada.

Um simples estalido, uma luz que se apaga, e tu ali tens, diante de ti, ao alcance quási das tuas mãos, tudo o que desejas, tudo o que podes crêr, tudo o que não podes, nem sequer, sonhar...

Por isso, o cinema, que nasceu contigo, é a tua arte. Por isso, o cinema que te ajudou a seres o que és, é a tua fôrça. Por isso deves amá-lo e compreendê-lo, para além do primeiro almôço das estrêlas e da roupa branca dos galãs, rapariguinha que tens quinze anos e os sabes ter, podes cantar, correr, chorar, conforme te apeteça, e um dia dêstes eu vi, alegrando uma rua triste com tua graça frágil, teus olhos luminosos, teu sorriso claro, teu passinho miúdo e tua boina à banda.



Armando Vieira Pinto